

Com o aperfeiçoamento da internet, procura-se fazer com que os computadores ligados à rede cumpram tarefas mais complexas na busca de informações. Um dos desafios é desenvolver mecanismos que permitam que computadores compreendam e associem dados disponíveis na rede, isto é, os computadores, através do uso de ontologias e regras de inferências, poderão encontrar respostas mais precisas para as consultas, descartando o que é irrelevante para o usuário.

Considerando o exemplo discutido no início deste texto, o objetivo central que impulsiona o desenvolvimento da Web Semântica é que, no futuro, a web ofereça ferramentas computacionais de busca automática que permitam que uma pessoa submeta uma consulta como: “Quais são os horários de voos de Goiânia para São Paulo, com ida em 14/9/2010 e volta em 18/9/2010, para um passageiro, com tarifa econômica, e quais hotéis próximos ao Masp, com diária de solteiro entre 100 e 200 reais, têm vaga para entrada em 14/9/2010 e saída em 18/9/2010?”, e receba como resposta as companhias aéreas e seus respectivos voos no período solicitado e uma relação de hotéis que satisfazem os requisitos da consulta.

### Referências

BERNERS-LEE, T. H.; J. LASSILA, O. The Semantic Web. *Scientific American*, May 2001.

WORLD WIDE WEB CONSORTIUM. [Http://www.w3.org](http://www.w3.org).

## SOBRE A ESTRUTURA FORMAL DAS PALAVRAS EM WILHELM VON HUMBOLDT

### Sebastião Elias Milani<sup>1</sup>

#### Introdução

A Morfologia tal qual é conhecida na atualidade, como a ciência que tem como objeto de estudo as formas mínimas do significado, foi desenvolvida no século XIX. August Schleicher na introdução da obra “As línguas da Europa moderna” (1897 [1857]) escreveu que “cada língua pode ser decomposta em dois elementos: noções de um lado e relações do outro” (p. 7); “que a essência de uma língua se baseia sobre a maneira como ela expressa acusticamente, quer dizer por uma palavra”, as significações e as relações (p. 7). Essas noções explicitam a formação básica das palavras nas línguas flexionais, ou nas línguas indo-europeias.

Essa visão terminava por conjugar séculos de estudo sobre a palavra, desde os gregos clássicos, fala-se aqui dos *Diálogos* de Platão, que tinham na palavra o objeto de estudo. Em Platão as noções de *convenção* e *sugestão* para as palavras estão muito bem explicadas e, durante os séculos que se sucederam, teorizou-se muito sobre a construção dos sentidos através das palavras. Isso de tal maneira que, no início do século XIX, a relação entre o pensamento e as palavras estava suficientemente compreendida para que se pudesse procurar na manifestação da língua a estrutura da representação do pensamento. De fato, é a descoberta do sânscrito que impulsionaria o desenvolvimento das pesquisas estruturais, porque expusera com clareza a condição de historicidade das línguas.

<sup>1</sup>. Professor da Faculdade de Letras da UFG. [sebas@letras.ufg.br](mailto:sebas@letras.ufg.br)

Como ilustração, o que se costuma chamar de a “descoberta do sânscrito” aconteceu oficialmente no ano de 1789, ano em que o inglês William Jones, vice-rei da coroa inglesa para as Índias, publicou traduções para sua língua natal de textos dos livros sagrados do bramanismo/hinduísmo. Essa poderia ser a data de nascimento dos estudos sobre o indo-europeu. A transformação que a Europa vivia no final do século XVIII determinava um comportamento renovador para todos os campos da vida humana. A organização política vigente até esse período se compunha da imposição ao homem de valores monárquico-católicos que impediam a evolução de muitas áreas do pensamento filosófico. A área dos estudos da linguagem, filosofia da linguagem para época, era uma dessas áreas em que a Igreja mantinha interesse dogmático e pregava a ascendência divina.

São muitos os estudiosos renomados desse período, a primeira metade do século XIX: Franz Bopp, August Schlegel, Friedrich Schlegel, Adelung, Jacob Grimm e muitos outros, entre eles Wilhelm von Humboldt. Humboldt concebe as línguas flexionais, ou o tipo linguístico por flexão, como a forma linguística mais desenvolvida, porque nele se congregam, na estrutura da palavra, todas as acepções que o pensamento intenciona exprimir. Das línguas flexionais, aquela que teria elevado seu posseso por flexão à perfeição era o sânscrito, porque esse idioma afastara de sua estrutura todas as interferências estrangeiras, sustentando sua estética num esmerado estudo de fonética.

Humboldt argumenta que a língua tem uma forma interna e uma forma externa, que são equivalentes, ou seja, a forma fônica é a expressão outorgada às ideias que são a forma interna. Para compreender essa ideia, deve estar presente no pensamento a organização da estrutura de produção linguística humana. A língua é uma fórmula sistemática adaptada ao universo nacional e serve aos indivíduos dessa nação como ponte entre suas existências e tudo aquilo que os cerca. Ao mesmo tempo em que interagem com o universo real através da língua, são conduzidos nessa interação de um modo todo característico, o qual é a forma de atuação de toda a nação.

O indivíduo se serve da língua, mas tem a obrigação de fazê-lo de certo modo. Desde que ele não despreze o modo característico da língua, tem permissão para modificá-la; as mudanças, porém, também têm de estar de acordo com as regras, pré-estabelecidas desde o primeiro falante. Apesar disso, a língua é a grande impulsionadora dos atos do pensamento e de sua criatividade. Na verdade, é somente através dela que o indivíduo realiza seus atos. Qual é, então, a grande dificuldade humana com a linguagem? O indivíduo deveria ser capaz de traduzir com total eficiência a produção do pensamento, ou seja, dar aos outros total e absoluta clareza em seu discurso, o que é muito complexo e um trabalho que jamais é concretizado completamente. O indivíduo luta por toda sua vida contra essa limitação.

Ao definir os tipos linguísticos como flexional e isolante como as formas extremas do desenvolvimento das palavras, e a aglutinação e a incorporação (polisíntese) como estágios intermediários, Humboldt estabeleceu que as línguas fossem essencialmente históricas. Ainda não estava explicitado, mas estaria perfeitamente concebido, o estruturalismo da língua. No entanto, qualquer estudo de natureza historicista deve ser estruturado, logo, em todo processo histórico deve ter uma forma ou condição inicial, da qual foram construídas as fases subsequentes. A forma inicial das palavras seria o monossilabismo e os desenvolvimentos seguintes exigiriam aglutinações: algumas estruturas monossilábicas perderiam seus significados originais, tornando-se flexões de intenção, dessas algumas se tornariam flexões verdadeiras.

### Formas verdadeiras e outros meios

Humboldt começa o texto *Sobre a origem das formas gramaticais e sua influência no desenvolvimento do pensamento* (1818) com duas questões: “como nasce em uma língua a representação gramatical?” (que ele chama de “forma”) e “qual a diferença para o pensamento se em uma língua existem ‘formas (flexão) verdadeiras’ ou ‘outros meios’?” Em síntese, tem-se aí mais de um conceito para o termo *forma*. Na primeira situação, “forma” é todo recurso usado e acoplado aos objetos linguísticos que revelam o pensamento. São, então, as características que, na “forma externa” da língua, revelam o pensamento e, em seu conjunto, revelam a fórmula linguística da língua, que é diferenciada em cada língua, porque a identifica como pertencente a um povo, a uma nação e a um território específico. Em princípio, essa distinção entre “formas verdadeiras e “outros meios” parece contraditória. É preciso entender que os “outros meios” são as outras tantas maneiras de o pensamento se manifestar na “forma exterior da língua”. Então, o que são “formas verdadeiras”?

Humboldt chama a “fórmula linguística” de “forma da língua”, que pode ser composta de “formas verdadeiras” ou “outros meios”. Portanto, “formas verdadeiras” e “outros meios” são conceitos da unidade sonora “forma”. Logo, existem dois conceitos para a mesma unidade sonora porque ambos os conceitos são responsáveis pela revelação do pensamento (formas) na forma externa da língua. Humboldt escreveu que lhe

parecia muito estranho que se colocasse, mesmo por um instante, em dúvida que todas as línguas, até as mais imperfeitas e menos cultas, possuíam formas gramaticais no sentido próprio e real da palavra.

Nesse ponto, vê-se que não se trata de pôr em dúvida que qualquer língua tenha uma fórmula característica, um sistema de regras ou sistema formal, mas de encontrar um sentido exato para o termo “forma”. Por isso, não se deve chamar qualquer sistematização linguística de “forma”, quer dizer “forma verdadeira”. Também, não se trata de estabelecer um juízo de valor, ou seja, o que é melhor ou pior. Nem esquecer que toda língua representa o espírito nacional de um povo, e por isso é única. Nem mesmo quando se considera as línguas como estágios progressivos do desenvolvimento formal seria possível generalizar, porque cada nação (língua) possui uma história diferente.

Essas observações ganham ainda mais importância quando se pensa que é o sistema formal de uma língua que a identifica e destaca perante as outras, principalmente entre línguas derivadas do mesmo tronco. Logo, “forma” é a maneira de o pensamento vir à tona na forma externa da língua e a maneira na qual o pensamento se materializa com mais precisão, e sem ambiguidade que não for intencional. A língua, cujo sistema formal é capaz disso, possui a verdadeira forma, ou “forma verdadeira”. Se todo progresso humano caminha em direção à perfeição, a “forma verdadeira” estaria no último estágio da evolução formal. Logo, todos os estágios anteriores não seriam “formas”, mas meios de alcançar os objetivos formais: não se pode ter nenhuma dúvida de que todas as línguas possuem meios para representar as relações formais.

Quando a língua é atrelada ao povo, descobre-se que ela está preparada para representar o mundo visto por este povo. E, comparando uma língua de povos selvagens, que em princípio possuem um mundo real simples, com uma língua como o latim ou o português, facilmente se constatará que os sistemas formais se equivalem. Há sempre um meio eficiente para a expressão das ideias, mesmo que seja uma ideia não formada na língua. Portanto, qualquer língua possui um sistema formal, e é muito mais fácil conceber a existência de um sistema formal complexo em uma língua do que um número grande de palavras, porque as palavras representam objetos, que variam de número de acordo com as experiências de quem fala.

Porque a linguagem está igualmente disposta em todos os seres humanos, deve-se perguntar se elas são formas verdadeiras e como influenciam no desenvolvimento das ideias. Enfim, uma língua, sob o ponto de vista da nação que a molda e na qual age, sempre apresenta os recursos formais necessários para a construção do discurso,

mas nem sempre esses recursos podem ser considerados “formas verdadeiras”. A solução, para saber se são ou não “formas verdadeiras”, reside no modo como na língua se equilibram “matéria” e “forma”. O conselho de Humboldt é estudar as línguas desconhecidas sem calcar suas estruturas formais nas estruturas de línguas conhecidas. Como por exemplo, as línguas indígenas, que são estudadas tendo suas características formais calcadas no português e no espanhol. Ao fazer quase que uma comparação, o que havia de desconhecido e especial na língua desconhecida se perde porque as estruturas de línguas, como as do exemplo, com origens tão diferentes, nunca poderiam ser iguais.

Do hábito de generalizar a construção formal do discurso em todas as línguas chegou-se a chamá-las de formas, ficando perdida a diferença entre “formas verdadeiras” e “outros meios”, porque a preocupação reside em encontrar igualdades e diferenças, denominando essas estruturas com nomes conhecidos, e não em estudar essas línguas desconhecidas como indivíduos com características próprias. O discurso está composto por duas partes completamente distintas: palavras e relações gramaticais. Em uma língua, as relações gramaticais podem não ser dadas por signos especiais e essas relações que não são evidenciadas na forma externa da língua estariam sendo introduzidas no discurso pelo pensamento, que encontra meios de evitar as ambiguidades. Logo, essa língua não possui “formas-verdadeiras”, e nela o pensamento terá de fazer um esforço maior para manter a compreensão.

Para que o pensamento não se perca, envolvido com as ambiguidades do discurso, é preciso que esteja desembaraçado e, para isso, são necessários signos verdadeiros que representem o pensamento no discurso tão claramente quanto estejam representados nos objetos. Deste modo, as ideias encontram a situação propícia para serem desenvolvidas. Então, uma língua que desenvolva as relações gramaticais juntando “palavras” que são signo dos objetos com “palavras” que são signo de relações para a formação do discurso não deixa margem para as modificações nas palavras-objetos, ou seja, para as verdadeiras formas gramaticais. Por outro lado, em uma língua em que ocorram formas verdadeiras, que são frutos do prazer do pensamento abstrato; esse prazer do pensamento abstrato, como num círculo, só pode ocorrer na língua que ofereça o recurso das formas verdadeiras. Se em uma língua as formas não existem, mas no povo existe a força do pensamento, esse pensamento terá antes de desenvolver as “verdadeiras formas” na língua para, somente depois de produzi-las, poder ser impulsionado por esta língua.



Humboldt escreveu: em um determinado idioma em que o pensamento hesite entre várias formas gramaticais, e não se decida nunca por uma delas, ele terminará se satisfazendo com resultados concretos. Em uma língua assim, o pensamento abstrato será sempre limitado, e em síntese nunca aconteceu. As explicações sobre o chinês são exemplos perfeitos. O chinês, apesar de não possuir “formas verdadeiras”, do tipo que se apresentam sonorizadas no discurso, e em virtude de não se dividir em várias possibilidades formais (age exatamente ao contrário), escolheu uma e a explorou ao máximo. Por razões históricas, escolheu o método de isolamento e nunca o misturou com outros. Por isso, o pensamento em chinês chega ao limite máximo da abstração. Poder-se-ia dizer que o chinês possui uma “fórmula linguística” verdadeira sem fazer uso de “formas verdadeiras”.

Pode-se dizer, entretanto, segundo Humboldt, que existe um abismo entre uma língua que faz uso de formas gramaticais verdadeiras e línguas que não utilizam essas formas. Em uma língua em que as relações gramaticais correspondem exatamente às relações lógicas, o pensamento ganha em penetração, e mais: a construção coerente da estrutura cria ritmo, que impulsiona o espírito no exercício do pensamento abstrato. Um questionamento, que certamente passa pela cabeça de qualquer leitor ao se deparar com tais hipóteses: pouco importa se uma representação gramatical seja feita por intermédio de palavras que possuam significados por si mesmas e que designem um objeto real, ou que as relações formais sejam introduzidas somente pelo pensamento.

Qualquer um desses recursos formais pode ser visto como “formas verdadeiras”. É impossível que as ideias gramaticais se apresentem por outra via que não o pensamento, e as línguas que são consideradas superiores, que apresentam uma estrutura sábia, também possuem uma origem grotesca, e traços disso podem ser nelas encontrados. Nas línguas mais cultas é possível descobrir elementos formais associados às línguas incultas, podendo ser essa, inclusive, a origem das “formas verdadeiras” e da aglutinação. Isso pode até ser generalizado, e os meios que as línguas cultas fazem uso para representar os elementos formais são:

1. Acréscimo de sílabas significativas que possuíram ou possuem um significado particular (afixos);
2. Acréscimo de sílabas ou letras com significado somente dentro da palavra (flexão), indicando somente relações gramaticais;
3. Mudança de vogais: de uma para outra, de quantidade (longa ou breve), da posição do acento tônico;
4. Mudanças de consoantes;
5. Palavras colocadas em posições fixas que dependam umas das outras;
6. Reduplicação de sílabas.

Pode-se fazer um reagrupamento desses elementos. As afirmações de número 2, 3 e 4 formam um grupo, que caracteriza a “flexão verdadeira”; são maneiras de o pensamento se materializar na forma externa da língua, sem fazer uso de elementos que já existam nela com significados. Assim, um elemento sonoro é produzido com o intuito único de representar o pensamento, ou seja, é a forma externa do pensamento. O primeiro tipo descrito é a flexão de intenção ou aglutinação: são afixos que, juntados aos objetos linguísticos, lhes alteram o significado. A reduplicação de sílabas, em línguas como o árabe e o sânscrito, é comum e segue regras que se generalizam para qualquer objeto da língua, caracterizando determinadas relações formais.

As duas partes que compõem a forma externa da língua originam-se de modos diferentes. Os compostos nocionais (raízes) que indicam objetos originam-se da percepção dos objetos reais e estabelecem com eles uma relação análoga. Melhor dizendo, o objeto linguístico espelha o objeto real. Por sua vez, as formas gramaticais somente podem ser designadas, entendidas e conhecidas pela ideia lógica ou pelo sentimento confuso e obscuro que as acompanha. Isso significa, por um lado, que em uma designação formal está representado um sentimento que não é passível de ser descrito e que, por outro, somente quem proferiu o discurso o reconheceria com precisão. Mas, porque os seres se assemelham, o reconhecimento do sentimento ocorre por aproximação entre eles.

Então, um ser somente pode reconhecer uma relação formal a partir de uma língua já conhecida, servindo essa afirmação para todos os estudos no campo linguístico, tanto no nível entre falantes nativos quanto no aprendizado de uma língua estrangeira ou desconhecida. Sentimentos fazem nascerem

modos de representação gramatical. Como exemplos os prolongamentos de vogais (vogais longas) e os ditongos do alemão e do grego que simbolizam o optativo e o subjuntivo.

É muito comum ao ser humano criar formas, palavras, para nomear algo e, com o passar do tempo, não se lembrar mais da motivação que o levou a simbolizar um objeto em uma palavra. Ao pensar desse modo em relação à aglutinação, pode-se chegar a um ponto importante na discussão da evolução das formas. É muito comum nas línguas neolatinas o emprego de formas aglutinadas para representar ideias. Então, se, nestes casos, a origem está completamente perdida, certamente ocorrem muitos casos nas línguas de flexões verdadeiras serem originárias de aglutinações. Tão difícil quanto provar que uma forma seja originária de aglutinação é provar que formas são originariamente flexões. Mesmo porque, a flexão verdadeira, na origem, é seguramente um fenômeno raro em todas as línguas.

É preciso pensar, no entanto, que os povos são diferentes e que um povo esteja mais apto a realizar o ideal linguístico e mais predisposto ao pensamento abstrato que outros e, por isso, ser capaz de gerar na língua formas por modificação interna originariamente. Se um povo com vocação para o pensamento abstrato se encontrar diante da opção aglutinação ou flexão, reconhecerá que pode fazer uso mais inteligente e produtivo da segunda, e mais e mais abandonará a primeira, e onde não a abandonar, transformá-la em forma verdadeira. Deste modo a língua oferecerá um impulso maior às ideias. E caso um povo faça opção por realizar o pensamento em formas não verdadeiras, ou seja, contentar-se com resultados materiais, a língua permanecerá muito tempo na imperfeição e com ela o povo.

A flexão e a aglutinação geram alguns meios de representação das relações gramaticais. É muito comum que, pelo uso, uma palavra ganhe um caráter especial de forma, que, ao lado da flexão e da aglutinação, é um terceiro modo de origem das formas gramaticais. Nesta palavra, nada será acrescentado que possa identificar a marca formal. No entanto, esse terceiro método se coloca no nível das flexões. A reduplicação de sílabas e as mudanças de vogais raramente são símbolos de relações gramaticais, pois as relações que simbolizam são de reforço e, mais frequentemente, frutos de acomodações fonéticas. Deste modo, entre as modificações de palavras, aquela que se considera como verdadeiro modo de representação gramatical é a adição de sílabas significativas. Tanto línguas das mais cultas, quanto das mais incultas usam este método. Também, nas línguas incultas, essas sílabas significativas, sem se pensar em aglutinação, podem ser autênticas flexões e, nas línguas cultas, muitas flexões são aglutinações aperfeiçoadas pelo pensamento abstrato.

Por isso, dificilmente se determina com precisão o limite entre aglutinação e flexão. Nenhuma afirmação que classifique uma língua como aglutinante e outra como flexional está correta. Humboldt cita exemplos análogos no grego, no latim e no mexicano, e afirma que, ao dizer que um caso é flexão, é-se obrigado a dizer que é também nos outros, mesmo que o mexicano seja uma língua inculta em comparação com o grego e o latim. A situação oposta também ocorre: em muitos casos, nas línguas cultas, a distinção gramatical tem de ser introduzida pelo discurso. Basta observar um verbo como “amava” em português: a distinção de pessoa tem que ser introduzida pelo pensamento, baseado no contexto em que se coloca a palavra.

Contudo, existe uma diferença entre uma palavra como “amava” e um conjunto de formas que expressam essa ideia: em “amava”, têm-se formas lapidadas em uma forma única, enquanto que expressões grosseiras combinam palavras sem uma amarração absoluta. Enfim, por mais que se justifique e se compare, nada pode amenizar a diferença entre línguas que fazem uso de “formas verdadeiras” e línguas que fazem uso de “outros meios”; outros meios gramaticais que mantêm os sons que lhes são característicos, podendo facilmente se desprenderem de um conjunto e assumir um significado independente. São exemplos os pronomes, que são possessivos quando se juntam a nomes, e são pessoais, quando acompanham verbos, no mexicano.

De acordo com as circunstâncias gramaticais de uma língua, ela favorecerá mais ou menos o desenvolvimento das ideias: quanto mais elaborado for o processo formal de uma língua, mais ela agirá favoravelmente no espírito. Neste processo, o tempo constitui o elemento do aperfeiçoamento. Quanto mais distante de sua origem, ou seja, quanto mais a língua for usada, mais perfeita e cristalizada ela estará. Enfim, suas formas, originalmente imperfeitas, tendem a cristalizar-se, ganhando em precisão e tornando-se cada vez menos reconhecíveis separadamente.

Sobre a evolução das formas, Humboldt diz que lhe é impossível afastar a convicção de que as formas de todas as línguas se originam principalmente da aglutinação. Existe uma diferença básica na produção do discurso entre línguas mais e menos cultas. Nas línguas em que as relações não são rigorosamente estabelecidas, ocorre que, a cada discurso, o falante cria novas relações sem ter de fazer uso de formas estabelecidas; em línguas com formas fixas, o discurso não cria novas formas, restringindo-se àquelas que existem lapidadas pelo uso. No primeiro caso, o pensamento será mais exigido e a precisão do discurso ainda poderá se perder.



Uma conclusão simples sobre as relações gramaticais: entendê-las significa distinguir com precisão a representação dos objetos linguísticos e das relações, das coisas reais e das formas. A palavra é material e concreta, representa algo real e refere-se a uma coisa do mundo; o pensamento é abstrato e ideal, é representado pela forma. Então, um pensamento abstrato superior imprime na língua o ideal formal, e a língua, idealmente formalizada, aumenta o poder da faculdade de pensar. Além disso, falando diretamente das intenções de Humboldt, seu texto tem como característica provar que cada língua é um “ser” à parte e que deveria ser estudado como único e completamente diferente dos outros. Desse modo, cada língua apresentaria uma descrição formal própria, e certamente muitos detalhes formais que ficam desconhecidos, seriam evidenciados, ampliando a globalidade do conhecimento linguístico.

Humboldt resumiu a hipótese desenvolvida a propósito da origem das formas gramaticais em uma narrativa composta em três etapas, partindo da inexistência de forma gramatical e chegando às formas verdadeiras e às palavras com valor exclusivamente gramatical. Essa narrativa progride com o aperfeiçoamento das formas do tipo linguístico flexional, que, portanto, em uma escala simples, estariam posicionadas no último degrau do aperfeiçoamento linguístico. A aglutinação estaria em um estágio intermediário. No primeiro momento estaria a ausência do elemento formal na língua, que se restringiria a objetos linguísticos.

No princípio, as línguas se reduzem a signos para objetos. Mas se, na versão final, quando elas veiculam pensamentos elaborados e complexos, são completamente diferentes entre si, neste princípio, seriam iguais, equivalentes e até, quem sabe, originárias de um único ponto linguístico. Mais que falar do princípio das línguas, fala-se, aqui, no princípio do aparecimento da razão ou inteligência no homem. Nenhuma língua

permaneceu até hoje neste patamar linguístico, nem as línguas do tipo isolante. O chinês, que isola formas, partiu deste princípio, como todas as línguas, mas não se encaminhou para o registro do pensamento por meios sonoros, e elaborou recursos (formas relacionais) que são registrados na forma externa da língua sem estarem sonorizados.

Num segundo estágio, as formas aparecem na formação de combinações de palavras, que significam as primeiras cristalizações de pensamentos. Deste modo, o registro do pensamento em formas serve, e é construído para tal, para facilitar a operação do pensamento. Neste momento do desenvolvimento linguístico, o discurso não se divide apenas em objetos, mas em frases e locuções. Esta é a primeira generalização da atitude formal por toda a língua. Nas combinações, as palavras que antes eram signos de objetos perdem seus valores independentes, além de sofrerem mutações fonéticas. Assim, a língua estaria composta de signos para objetos e combinações de termos com valor formal, que ainda mantém a designação concreta de objetos.

No próximo estágio, a unidade das palavras, que antes eram combinações de palavras, se solidifica. As partes de valor formal perdem definitivamente seus valores representativos de objetos e se comportam como parte integrante, tornando-se afixos. A representação formal já é absoluta, por símiles de formas. Falta apenas a amarração final, que acontecerá quando a unidade das palavras tiver um único ponto de acentuação tônica. A representação formal, enfim, se fez. As palavras seguem regras de mudanças internas que, visando à representação do pensamento nas palavras, constituem a flexão. Esta, que fora originada pela aglutinação, no princípio, de palavras e, depois, prossegue com a aglutinação de palavras com afixos.

O pensamento é o grande agente transformador dos elementos da língua: nenhuma língua chegaria a uma unidade perfeita se nela não estivesse registrado o calor do pensamento e do sentimento de uma nação. No estágio mais avançado do discurso, ao lado de signos de objetos e de formas, se instala o elemento vital, o qual registra o sentimento que brota do íntimo do ser, elaborado por meio da entonação, é a energia viva que funde e molda os elementos e transforma matéria linguística inanimada em uma representação de sentimentos e pensamentos humanos. Portanto, o pensamento abstrato de uma nação se instala na língua, elabora-se nela, que se adapta e ganha em precisão, oferecendo a ele o impulso para que se desenvolva. E, quanto mais profundo e elaborado for o pensamento nacional por meio de uma língua, mais recursos a língua terá para que o pensamento vá se aperfeiçoando. Esse círculo se fecha de modo sempre diferente e cada vez melhor.

Nas frases a seguir, Humboldt responde a sua proposta inicial: “A língua deve acompanhar o pensamento (1972, p. 35)”; “a influência das formas gramaticais no desenvolvimento do pensamento” (*idem*, p. 7). Uma vez possuindo “verdadeiras formas” (flexão de palavras e palavras gramaticais), apresentando na forma externa o objeto e a relação, a língua está pronta para oferecer ao pensamento os recursos de que ele necessita para se desenvolver. Por outro lado, em uma língua em que o espírito dispõe de um sistema geral de relações defeituoso e imperfeito, ele não encontrará prazer no desenvolvimento do discurso e se limitará ao mais concreto. Portanto, quanto mais desenvolvido, mais amplo e mais abundantemente servido de flexões e palavras gramaticais, mais facilidade o pensamento filosófico (abstrato) encontrará para se concretizar.

A forma verdadeira contém exclusivamente a ideia relacional livre de qualquer elemento concreto. Deste modo, facilmente se percebe, ao estudar uma palavra derivada, a modificação interna da palavra primitiva. As formas são, então, facilmente destacáveis ao passo que, numa língua que não faz uso de formas-verdadeiras, o pensamento teria dificuldade em separar a relação e o objeto, ficando atrapalhado, o que faria com que se concentrasse na forma e não na ideia. Por isso, o verdadeiro conceito de forma requer que ela seja um elemento que passe como acessório do discurso, para que o esforço do pensamento esteja concentrado na ideia. Muito dificilmente uma nação que tivesse uma língua com formas defeituosas chegaria a alcançar um grande desenvolvimento científico sem modificar sua língua. Na verdade, o espírito não receberia da língua e nem ofereceria a ela o impulso de que ambos necessitam para se aperfeiçoarem. E, nessa ação recíproca, em primeiro lugar a língua tem de sofrer transformação para que o pensamento se desenvolva depois.

## Conclusão

Ao analisar a verdadeira natureza dos sons, descobre-se que eles são de natureza corpórea e admitem uma variedade de características muito maior que a forma interna, essa que está restrita aos sentimentos humanos. Desse modo, a forma fônica das línguas são as principais responsáveis pela diversidade das línguas. Os sons, por admitirem uma variação muito ampla no processo de articulação, permitem a formação a partir da articulação de modelos sonoros muito variados nas diferentes línguas. Desse modo, mesmo que as formas internas das línguas sejam aproximadas, a articulação pode realizar a formas fônicas muito diversificadamente.

A forma fônica não se constitui no principal fator de diversidade somente pela grande possibilidade de variação das características dos sons, mas também porque exerce sobre a forma interna da língua uma influência decisiva. A formação da língua é o resultado do cruzamento de dois fatores: o impulso do espírito ao designar a matéria requerida pelos objetivos internos da língua e a produção do correspondente som articulado. Claro está que o que já existe na língua como matéria real tenderá a impor-se sobre as novas ideias, que só chegarão a ser claras em virtude de sua configuração. Desse modo, os sons articulados determinam a aparência que as ideias terão na língua. Por isso, quanto à diversificação das estruturas linguísticas sobre a face do planeta, a forma fônica das línguas é infinitamente mais atuante que a forma interna.

Em geral, o processo de formação da linguagem deve ser entendido como um resultado de uma geração de formas em que a ideia tenha de vencer a dificuldade imposta pelos sons. A dificuldade que os sons impõem nem sempre é superada de modo que seja alcançada

uma nova forma. Nesses casos as ideias são restringidas e acomodadas nas mesmas formas fônicas já existentes e utilizadas em outras ideias, reduzindo a criatividade do pensamento abstrato.

Humboldt chama de flexão e de aglutinação a propriedade que as línguas têm de construir palavras através de uma raiz, na qual é aplicada uma forma conceitual geral de toda uma classe de palavras. E chama de isolamento das palavras quando a palavra é designada segundo a sua posição no discurso. Humboldt agrupa flexão e aglutinação como um único modelo linguístico. A aglutinação, apesar de se comportar como autênticas flexões, é um estágio anterior às flexões verdadeiras. Segundo ele, é muito difícil saber quanto das flexões verdadeiras não tiveram início como aglutinação de formas com significado independente, que posteriormente perderam esse significado e assumiram uma aparência de formas verdadeiras.

O outro grupo são as formas isoladas, ou seja, raízes que formam por si só uma estrutura de significado, cuja estrutura formal é dada pelo contexto em que as raízes são empregadas. O modo como essas estruturas tipológicas são empregadas na língua gera um efeito inibidor ou estimulante para o pensamento. Esse efeito não é uma indefinição do processo de construção da linguagem. Deve ser considerado, antes de qualquer julgamento, qual é a exigência interior do pensamento que deu origem a essa estrutura linguística e até que ponto essa exigência é ou não satisfeita pela manifestação discursiva.

A designação das palavras no discurso precisa ser pensada como o resultado de dois elementos distintos e de suma importância. A designação do conceito é associada a uma categorização que é própria da maneira como esse conceito é concebido na língua, ou seja, são categorias do pensar ou do falar. O que resulta é a palavra, como a somatória simultânea da expressão do conceito com a categorização que o modifica. A designação do conceito pertence ao procedimento do sentido da língua, ao passo que a categorização é um trabalho de conscientização linguística, que gera, no caso individual da palavra, a palavra em relação com todos os casos possíveis na língua ou na fala. Cada língua realiza essa configuração interna de um modo diferente, em graus diferentes. Nenhuma, no entanto, pode ser isentada completamente dessa necessidade. Tudo depende da profundidade e vivacidade com que as línguas chegam a estabelecer as categorias do pensamento, atribuindo-lhes vigência em sua estrutura. Por sua vez, essas categorias irradiam para as partes da língua sua sistematicidade completa.

Como fato, pode-se estudar a inclinação a classificar e a determinar os conceitos individuais pelo grupo a que pertencem. Pode acontecer do conceito da espécie estar associado ao conceito do indivíduo por uma simples necessidade de discriminação e de designação. Para compreender esses casos é preciso verificar o comportamento da língua. Algumas línguas desenvolvem um conceito para as espécies e, a partir do uso, transformam esse conceito em verdadeiras unidades formais; assim, aplicam essas unidades às formas individuais e constroem as estruturas relativas à espécie. Em muitos casos, essas formas, que geralmente são sufixos, não podem mais ser percebidas como um conceito independente sem uma análise detalhada. Entram nesse tipo de construção a designação objetiva e a classificação lógica subjetiva; por outro lado, entra a designação de diferentes classes de objetos reais, sem haver influência das categorias do pensamento e do discurso.

Essa construção é organizada através de dois elementos aglutinados, mas que na formulação mais absoluta são elementos distintos. A diferença para a flexão é que, quando existe flexão, não existem dois elementos distintos. Existe um só elemento colocado, por força da estrutura linguística, em uma determinada categoria instaurada automaticamente na materialização do conceito. A definição completa e perfeita dos elementos categoriais de uma língua faz com que a língua alcance uma organização que favorece a construção conceitual na materialização da linguagem. As línguas mais perfeitas e puras tendem cada vez mais para definir e fazer formas mais definidas em suas estruturas. Na formação das ideias todas elas têm uma fórmula de formas muito autênticas que satisfaz inteiramente os requisitos da linguagem.

### Referências

- BAKHTIM, Mikail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1986, 3ª ed.
- BURKE, Peter. *A escola dos Annales 1929-1989. A revolução francesa da historiografia*. São Paulo: Unesp, 1991. Trad. de Nilo Odália.
- COSERIU, Eugenio. *Sulla tipologia linguistica di Wilhelm von Humboldt. Contributo alla critica della tradizione linguistica*. LINGUA E STILO 2 (1973): 235-265. Tradução de Giulia Cantarutti.
- \_\_\_\_\_. *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/Edusp, 1979. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira.
- DARNTON, Robert. *Boemia literária e Revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. Trad. de Luís Carlos Borges.
- \_\_\_\_\_. *O lado oculto da Revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. Trad. de Denise Bottmann.
- GÉRARD, René. *L'Orient et la pensée romantique allemande*. Paris: Didier, 1963.
- HUMBOLDT, Wilhelm Karl von. *Sobre el origen de las formas gramaticales y sobre su influencia en el desarrollo de las ideas – Carta a M. Abel Rémusat sobre la naturaleza de las formas gramaticales en general y sobre el genio de la lengua china en particular*. Barcelona: Anagrama, 1972. Traducción de Carmen Artal.
- \_\_\_\_\_. *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad*. Barcelona: Anthropos, 1990, 1ª ed. Traducción y prólogo de Ana Agud.
- KNOLL, Joachin H. *Wilhelm von Humboldt - L'homme politique et le pédagogue*. Paris: Internationes, 1967.
- SCHLEICHER, August. *Les langues de l'Europe moderne*. Paris: Garnier, 1897. Trad. de Hermann Ewerbeck.



## CONSIDERAÇÕES SOBRE A CRISE ECONÔMICA Ricardo Musse<sup>1</sup>

A partir dos anos 1970, os EUA introduziram paulatinamente uma série de alterações no funcionamento do sistema econômico internacional que, na prática, subverteu o modelo anterior firmado no pós-guerra. As políticas anticíclicas que permitiram a expansão conhecida como os “trinta anos dourados” foram desmontadas uma a uma.

Os excedentes monetários, até então sob o controle parcial dos Estados, passaram a ser geridos pelo mercado, com a concomitante redução da participação dos salários na renda nacional e dos benefícios conquistados como direitos sociais. O controle de capitais pelos Estados nacionais, outra peça chave do arcabouço anterior, cedeu lugar à livre circulação inclusive de capitais de curto prazo, propiciando os movimentos especulativos que moldam atualmente o mercado de dinheiro.

Ao longo desse processo, os Estados passaram por alterações substanciais não só com a restrição de sua participação direta como agente econômico, mas sobretudo com a redução significativa de suas atividades de planejamento e regulação.

Com o fim da situação de exceção, da assim chamada regulação keynesiana, o capitalismo retornou ao seu leito habitual. O ímpeto e a dinâmica econômica voltaram a ser ditados pelo mercado e as crises a se suceder com precisão matemática.

1. Professor no Departamento de Sociologia da USP. Graduou-se em Física pela UFG, é mestre em Filosofia pela UFRGS e doutor em Filosofia pela USP. Organizou, entre outros, *Émile Durkheim – Fato social e divisão do trabalho* (Ática, 2007).